

Hantavirose deixa rastro de preconceito

TONINHO TAVARES

Mãe da primeira vítima da doença até hoje não conseguiu emprego

A primeira vítima fatal da hantavirose no Distrito Federal, Denifer Quintanilha Utiwma, 17 anos, morreu no dia 22 de maio de 2004, em São Sebastião. Hoje, o falecimento da adolescente completa exatos oito meses. Em meio às fotos da jovem espalhadas pela sala da casa, Deuclégima Quintanilha, 40 anos, mãe de Denifer, tem de conviver com a dor da perda da filha e com o estigma do preconceito. Até hoje, passados esses oito meses, ela não consegue emprego e ainda enfrenta o desprezo dos vizinhos, que pararam de se relacionar com a mulher com medo de serem contaminados pelo hantavírus.

"Trabalhava como faxineira e diariamente fazia trabalhos domésticos em casas de família, mas depois que todos ficaram sabendo como minha filha morreu, nunca mais me deram emprego", afirma.

O surto que contaminou 13 pessoas, matando cinco delas no curto período de quatro meses, em São Sebastião, deixaram cenas fortes na memória dos moradores. "Lembro das pessoas usando máscaras para sair de casa. Tudo isso contribuiu para que eu fosse discriminada", diz Deuclégima. Segundo ela, muitos vizinhos pararam de visitá-la com medo de serem contaminados. "Eles acham que minha filha pode

ter contraído o hantavírus aqui dentro de casa", relata.

Além de desempregada, Deuclégima foi privada da companhia da neta. De acordo com ela, o pai da menina a levou de sua casa sem sua permissão. "Ele veio aqui e me disse que a criança não moraria mais comigo", conta. A avó ainda guarda todo o enxoval, mas nos últimos seis meses seu genro viajou e nunca mais voltou. "Desde então nunca mais vi minha neta", emociona-se.

Agora, com a notícia de que Antônio Ferreira, que morava em Ceilândia, pode ter morrido de hantavirose no dia primeiro, Deuclégima teme que um novo surto de hantavirose volte a se abater sobre Brasília. "Fiquei sabendo pela

imprensa que a Secretaria de Saúde informará as causas da morte na semana que vem, espero que a hantavirose seja descartada. Uma nova epidemia seria um tormento para mim."

A mãe de Denifer conta ainda que, mesmo rece-

bendo um laudo feito pelo Instituto Adolfo Lutz (IAL), confirmando que sua filha morreu vítima do hantavírus, é difícil acreditar que a adolescente foi contaminada pela doença. Deuclégima lembra que Denifer só estudava, sua rotina era preenchida somente pelas idas à escola. "Ela não trabalhava e era uma garota tipicamente urbana. Não

"Depois que todos ficaram sabendo como minha filha morreu, nunca mais me deram emprego"

Deuclégima Quintanilha, doméstica em São Sebastião



Deuclégima mostra a foto da filha Denifer, que morreu com o hantavírus oito meses atrás

imagino como Denifer pôde ter tido contato com fezes de ratos silvestres", observa.

CONFIRMAÇÃO - Deuclégima disse que recebeu, há algumas semanas, um novo laudo da Secretaria de Saúde confirmando que Denifer morreu em razão da hantavirose.

"Como não me conformava pedi um novo laudo, que teve o mesmo resultado do anterior", disse. A mãe contou ainda que, antes de morrer, Denifer se tornou mãe prematuramente, com 16 anos. "Ela não teve tempo de curtir a filha, hoje com um ano e meio", lembra. Até hoje, não

se sabe como Denifer contraiu o hantavírus. A jovem morreu dois dias depois de apresentar os sintomas da doença - dor pelo corpo, vômitos e diarreia. Desde a morte da filha, Deuclégima acompanha de perto todos os casos de hantavirose que foram registrados.